

TEATRO ESPONTÂNEO: UM INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA OS (FUTUROS) ADMINISTRADORES

Spontaneous theatre: an instrument for sensitization (future) administrators

BEZERRA, Sefisa Quixadá¹; VIANA, Rebeca Sales²; LEONIDO, Levi³.

Resumo

A cada momento histórico a sociedade vive seus dilemas, o mais acentuado na atualidade é o resgate ao homem e as melhores possibilidades de lhe manter em estado de felicidade, viabilizando qualidade de vida e possibilitando resultados positivos. Nesse contexto, as ciências se apoiam a partir de estudos de objetos e conceitos correlatos, daí a interdisciplinaridade dominando as argumentações e a subjetividade proporcionando várias interpretações. Estudos anteriores tratavam o homem de forma mecanicista, o que lhe rendeu, ao longo dos anos, visão simplista e reducionista dos seus problemas e hoje, estende-se esse estudo, mas com uma mudança na abordagem, agora para o resgate às suas individualidades e a sua manutenção nos grupos sociais. Se buscará, como objetivo deste trabalho, apresentar a importância da manifestação de sentimentos e emoções através de um meio específico, o Teatro Espontâneo, para aprendizagem e reflexão. A prática foi desenvolvida com grupos de estudantes do terceiro período do curso de Administração e os referenciais teóricos principais foram os de Jacob Levi Moreno e Cecília Bergamini. A abordagem prática-vivencial a partir da realização de Teatro Espontâneo, possibilitou um pequeno recorte de manifestação de sentimentos, emoções e até conflitos acerca de posicionamentos e ações individuais, para aqueles que acreditamos que serão futuros gestores. Foi percebido, a partir da construção dos personagens, a relevância que deve ser dada aos aspetos comportamentais e a história de vida de cada participante envolvido em processos individuais e de gestão, acreditando na perspectiva grupal da construção de ambientes organizacionais mais justos e felizes partindo-se da auto percepção e auto reconhecimento dos seus integrantes.

Abstract

In every historical moment, the society lives their dilemmas, the more pronounced nowadays is the redemption of the man and the best possibilities to keep him in a state of happiness, giving him life quality and enabling positive results. In this context, sciences are supported from studies of objects and related concepts, thence interdisciplinary dominating the arguments and subjectivity providing various interpretations. Previous studies treated the man as mechanistic, which yielded, over the years, simplistic and reductionist view of their problems and today extends this study but changing the approach, now to the rescue of their individualities and their maintenance in social groups. The goal of this paper will be to present the importance of the expression of feelings and emotions through a specific way, the spontaneous theater for learning and reflection. Practice was developed with groups of students in their third period of the Administration course and the main theoretical frameworks were Jacob Levi Moreno and Cecilia Bergamini. The practical-experience approach from the realization of experimental spontaneous theater allowed a small cutout of expressions and feelings, emotions and even conflicts regarding positions and individual stocks, for those who we believe will be future managers. It was noticed, from the construction of the characters, the importance that should be given to behavioral aspects and life history of each participant involved in the individual processes and management, believing the group perspective of building organizational environments fairer and happy starting from the self-perception and self-recognition of its members.

Palavras-chave: Teatro Espontâneo, Administração, Comportamento.

Key-words: Spontaneous Theater, Artistic Sensitization, Self-perception and Self-recognition.

Data de submissão: Março de 2013 | **Data de publicação:** Junho de 2013.

¹ SEFISA QUIXADÁ BEZERRA - Administradora. Professora Mestre do curso de Administração da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Ceará (Brasil). Doutoranda em Ciências da Educação na UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). Correio eletrónico: sefisaquixada@ig.com.br

² REBECA SALES VIANA – Psicodramatista em formação. Professora Mestre do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Ceará (Brasil). Doutoranda em Ciências da Educação na UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). Correio eletrónico: rebecasalesviana@hotmail.com

³ LEVI LEONIDO – Diretor da ERAS. Investigador do CITAR da UCP. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Correio eletrónico: levileon@utad.pt

INTRODUÇÃO

O curso de Administração (UVA- CE) prevê no seu conteúdo curricular a abordagem interdisciplinar durante toda a sua realização. Nesse contexto a disciplina de Psicologia Aplicada pretende abordar a origem, as teorias da Psicologia e a sua referência conceitual aplicada para trabalhar com os indivíduos, os grupos, as relações de troca, sua dinâmica humana e organizacional. Para isso tem se amparado em metodologias ativas de ensino-aprendizagem buscando essa completude que deve contribuir para a formação humana e comportamental dos seus estudantes. Como docente dessa disciplina, costumo manifestar minha angústia e preocupação com a responsabilidade das pessoas sobre as outras quando estiverem em seus postos de trabalho e como viabilizar ambientes saudáveis plenos de satisfação, bem-estar e de felicidade. Daí a proposta de visualizar a manifestação de sentimentos, emoções e comportamentos, muitas vezes, obscuros ou imperceptíveis pela prática intensa e urgente no dia-a-dia. Dentre as metodologias trabalhadas em sala foi apresentada a realização de Teatro Espontâneo como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de atitudes e dos aspectos já mencionados. O Teatro Espontâneo, desenvolvido a partir do referencial teórico de Jacob Levi Moreno

“é uma modalidade de teatro na qual tanto o texto como a sua representação são criados no decorrer do espetáculo, sem ensaio prévio. Em vez de textos predefinidos, são utilizados temas que inspiram as histórias” (AGUIAR, 1990a, p. 1).

Sua aplicação pode promover a sensibilização e reflexão sobre problemas coletivos e individuais, de forma livre, inventiva e participativa.

O objetivo deste artigo é descrever a utilização do Teatro Espontâneo como uma ferramenta de aprendizagem grupal que possibilita reflexão e reconhecimento pessoal para grupos de estudantes do curso de Administração. A metodologia usada nos remete a situações vivenciais participativas, com relatos de sentimentos e experiências no final, podendo a pesquisa ser classificada como descritiva, e esta foi finalizada com algumas considerações acerca da necessidade de valorização dos grupos e reconhecimento das manifestações individuais como alavancadores de melhoria da qualidade de vida, da necessidade de mais atenção aos sentimentos e emoções e ainda da imprescindível atenção que as organizações precisam dispor ao homem tanto em seus agrupamentos sociais, como em seus comportamentos pessoais e interpessoais.

CONHECENDO O TRABALHO DE JACOB LEVY MORENO

“O «pai» do Psicodrama, o psiquiatra Jacob Levy Moreno, citou que o Brasil é o país onde vive um povo que se pode considerar um dos mais espontâneos entre as nações do nosso planeta. Por isso, a metodologia psicodramática pedagógica vem ocupando um lugar cada vez mais importante, tanto no ensino acadêmico como no técnico especializado” (SANTOS, 2004, p. 16).

A base teórica deste artigo está nos pressupostos de Jacob Levi Moreno, médico psiquiatra, romeno, de origem judaica, que nasceu em 1898, viveu e trabalhou em Viena até 1925 quando emigrou para os Estados Unidos, onde desenvolveu suas teorias e veio a falecer em 1974 (Moreno quis ser lembrado com a seguinte frase inscrita na sua lápide: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria”). A partir da segunda década do século XX, desenvolveu os fundamentos da socionomia, ciência que visa compreender os processos de interação humana e deu seguimento ao estudo do comportamento partindo de situações diferentes das que, até então, estavam sendo estudadas. Trabalhou o comportamento através das manifestações verbais, espontâneas, conscientes, grupais, atuais, acreditando que “um paciente é um agente terapêutico dos outros. Um grupo é um agente terapêutico para outros grupos.” (MORENO apud BERGAMINI, 2010, p. 65). Como metodologia de trabalho, Moreno estruturou e sistematizou o psicodrama, o sociodrama e o Teatro Espontâneo (a partir do conceito de Teoria da Espontaneidade)⁴ que resultaram das suas experiências de teatro, visto que ele, além de médico, trabalhava com teatro. Nas três formas de estudo havia a representação de papéis, através das expressões faciais, corporais e dramáticas priorizando a espontaneidade, que quer dizer “por vontade própria” (BERGAMINI, 2010, p. 68). O psicodrama consiste num método de ação regulada de dramatização, com fins terapêuticos enquanto o sociodrama é um procedimento dramático específico que busca tratar os vínculos grupais e o Teatro Espontâneo utiliza temas que inspiram uma história, em vez de textos pré-definidos levando a plateia a participar da representação e a história é encenada na medida em que é elaborada. A seguir será exposta uma rápida apresentação de cada uma dessas formas.

⁴ “O teatro «cem por cento espontâneo» encontrou grande resistência, tanto no público quanto na imprensa. Eles não acreditavam na criatividade espontânea, acostumados que estavam a depender das “conservas culturais” do teatro. Por isso, quando o teatro espontâneo oferecia um espetáculo bom, honesto, uma espontaneidade que funciona do ponto de vista artístico, o trabalho lhes parecia suspeito. Achavam que o jogo espontâneo tinha sido todo planejado e ensaiado, ou seja, era uma farsa. Quando, entretanto, a encenação não era boa, mostrava-se sem vida, eles concluíam que a espontaneidade verdadeira seria impossível (MORENO, 1973, p. 14).

PSICODRAMA

“Um psicodrama pode ser produzido em qualquer lugar (...) no lar, num hospital, numa sala de aula ou num quartel. O seu “laboratório” instala-se em qualquer parte. O mais vantajoso é um espaço terapêutico especialmente adaptado, contendo um palco (MORENO, 1984, p. 31).

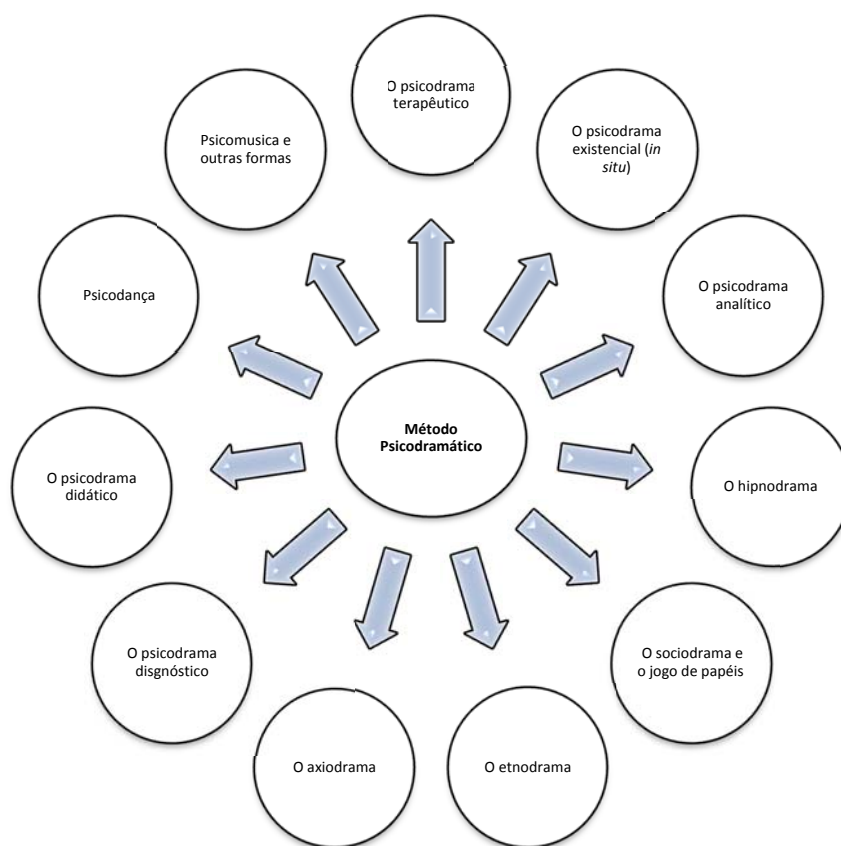
O Psicodrama foi criado há mais de 60 anos como um tipo de representação cujo objetivo era estimular a criatividade dos atores e, no qual a peça era criada na hora pelos atores, a partir de algum tema proposto no momento, não era um teatro convencional. Seu objetivo era resgatar e recuperar o homem, seu psico e sua dimensão dramática, existente em cada um de nós, com sensibilidade, genialidade e disposição para continuar criando. O psicodrama consiste num método psicoterápico no qual os envolvidos são estimulados a continuar e a completar suas ações, através da dramatização e da autoapresentação dramática. Tanto a comunicação verbal como a não-verbal são utilizadas. São representadas várias cenas que retratam, por exemplo, lembranças fortes do passado, situações vividas de maneira incompleta, conflitos íntimos, fantasias, sonhos, preparação para futuras situações de riscos ou expressões improvisadas de estados mentais. Essas cenas tanto se aproximam de situações reais de vida como representam a externalização de processos mentais interiores.

A prática psicodramática começa pela aceitação das pessoas em participar, seguida do seu envolvimento com a experiência que será vivenciada. É necessária a figura de um diretor, que normalmente é um especialista na área, seja psicólogo, terapeuta, auxiliares para ajudar o terapeuta a desenvolver as cenas, o ator ou protagonista que representa seu drama e a plateia que observa a dramatização e pode fazer intervenções, deverá ocorrer em um local apropriado onde se possa exteriorizar espontaneamente os dramas. Cabe ao diretor conduzir as técnicas psicodramáticas, as ações, os recursos para garantir o envolvimento do grupo e a escolha da cena que será protagonizada e que refletirá a experiência dos presentes.

O Psicodrama possibilita trabalhar conjuntamente, o falar e o agir dos indivíduos, em busca de respostas adequadas, identificando e solucionando conflitos. Promove a participação espontânea de todos e estimula a criatividade na encenação dos dramas. O diferencial reside na valorização das relações, nas relações horizontalizadas e no compartilhar das experiências vivenciadas. O psicodrama é destinado também ao tratamento de diversas condições patológicas, dentre as quais podemos destacar as seguintes: depressão, timidez, fobia social,

ansiedade, angústia, sintomas de pânico, dificuldades na identificação de sensações ou emoções. Essa terapia é particularmente eficaz também no tratamento de acontecimentos traumáticos; a reação inicial ao trauma é uma violenta emoção, um choque, que pode entorpecer e bloquear a realização da sessão. A partir do psicodrama, várias questões podem ser revivenciadas e trabalhadas.

A utilização do Método Psicodramático é praticamente ilimitado. Este continua sem alterações significativas. Ou seja, a sua matriz inicial, perdura no tempo. Isso não impediu que, ao longo o tempo, surgissem outras formas de utilização (CUKIER, R., 2002, p. 185):



Esse método psicoterápico tem sido utilizado não mais só em tratamentos ou áreas da Psicologia. Na educação, é tratada como um recurso didático importante, que tanto favorece o aprendizado como instrumentaliza o trabalho dos conflitos existentes, no desenvolvimento do papel de professor, facilitador das relações do corpo docente, no relacionamento com os pais e entre os próprios alunos. Transformar a sala de aula num espaço de relação afetiva entre alunos e professores e facilitar uma nova visão no desempenho desses papéis, têm sido metas de um trabalho efetivo. O trato das emoções manifesta afeto e atenção que passam a ter forte registros

no comportamento dos atores envolvidos. Maria Alicia Romaña⁵, educadora argentina residente no Brasil há anos, é uma das principais responsáveis pela introdução do Psicodrama Pedagógico no país. Romaña apresentou, em 1996, no IV Congresso Internacional de Psicodrama (em Buenos Aires), um entendimento que há diferentes estágios pelos quais se passa a ação psicodramática, então resultou no que denominou de Método Educacional Psicodramático destinado à aprendizagem de conceitos e à elaboração de conhecimentos. A base deste método são as dramatizações que permitem aproximações sucessivas do conceito ou do objeto de conhecimento. Destacam-se três níveis de dramatizações: 1º Nível – REAL - a dramatização é real e se realiza no plano da experiência dos alunos ou dos dados de referência; a aproximação do conhecimento se dá a partir do que os alunos já possuem intuitiva ou emocionalmente acumulado sobre o tema que será exteriorizado; 2º Nível – SIMBÓLICO - a dramatização é simbólica; o conhecimento se aproxima racionalmente, é o momento dos alunos elaborarem conceitualmente o que sabem, simbolizado pela abstração dos elementos que o conhecimento em pauta possui. Este momento propicia a síntese e a distinção do que é fundamental e do que é acessório no processo de aprendizagem e por fim, o 3º Nível – FANTASIA - coloca-se à prova o conhecimento sobre o qual se está trabalhando quando a fantasia é facilitada pela espontaneidade e liberada pela dramatização. O conhecimento é inserido em novos esquemas e associações, indicando ter sido possível algum nível de elaboração e incorporação.

A proposta do psicodrama pedagógico de Romaña foi muito importante por representar o início da utilização da dramatização na escola. Mas sua utilização é restrita à finalidade didática, tanto que a sua proposta se destina mais a formação de educadores. Atualmente, o uso do psicodrama tem-se expandido para outras aplicações, entrando em outras práticas, não somente a do professor. Podemos destacar o Psicodrama Sócio Educacional e Organizacional que possui aplicabilidade também no campo empresarial, nesses lugares é comum o privado dá lugar ao coletivo e se fazem necessárias intervenções psicossociais; é uma das alternativas adequadas que favorece a realização dos projetos pessoais e grupais.

A inserção do Psicodrama como forma de resolução de conflitos e de melhoria individual nas organizações advém da busca incessante de desenvolvimento e de resultados

5 Numa etapa inicial Romaña pretendia alcançar uma interação em grande escala, pois tentava “dar respostas às mais diversas solicitações, com o objetivo do confronto com realidades educativas diferentes, fato que enriqueceu a pesquisa e propiciou um caminho prático que permitiu realizar experiências e verificações” (ROMAÑA, 1996, p. 27).

práticos, muitas vezes os processos humanos não são acompanhados como deveriam. Conflitos, falhas na comunicação e percepção, competição improdutiva, falta de liderança, dificuldade de trabalhar em equipa são alguns dos problemas que surgem no decorrer desta evolução. A tentativa de conscientização e implantação de uma visão comum, o atingimento de metas e objetivos ditados pelas organizações em busca de resultados eficazes devem estar alinhados com o auto desenvolvimento dos indivíduos que nela estão inseridos, na busca dessa excelência nas relações de trabalho. O Psicodrama fornece ferramentas importantes que propiciam a liberação da espontaneidade e criatividade dos indivíduos, essenciais nestes momentos de transformação.

Os encontros grupais começam pelo envolvimento das pessoas com o tema ou com a experiência a ser vivenciada. Durante o processo psicodramático buscam-se soluções práticas e reais para as questões abordadas onde as técnicas psicodramáticas utilizadas facilitam o exercício da espontaneidade e criatividade e a descoberta do potencial grupal. Pode ser trabalhado em treinamentos “que ensina a pessoa a saber ‘ser’ a sua função, isto é, assumir seu próprio papel dentro da empresa” (BERGAMINI, 2010, p. 70), em cursos de liderança, vivencial de planejamento, em seleção de pessoal e de um modo geral, na resolução de conflitos. Pode se desenvolver a partir da execução de três estratégias: jogo dramático, feito em grupo para realizar um diagnóstico ou uma intervenção em uma situação de conflito e de relacionamento; *role-playing* ou jogo de papéis, em que as pessoas interpretam papéis; e por último, pratica-se a inversão de papéis que normalmente, produz resultados surpreendentes, e consiste no profissional tomar o lugar do outro, sentindo e agindo como ele, fazendo-o entender o outro lado. Há o compartilhamento em todas elas, segundo Moreno, é o momento da participação terapêutica do grupo, quando cada indivíduo expõe seus sentimentos em relação ao que foi dramatizado. Nessa etapa tem prioridade as emoções e os sentimentos diante do vivido; cada participante, de volta ao contexto geral, pode extrair o que de seu está contido no trabalho realizado. O Psicodrama destaca-se ainda por promover um espaço de fala, escuta, desenvolvimento da percepção de si e do outro. Ou seja, muitos dos atributos e campos de ação do teatro em geral.

Em específico, concordamos com Cukier (2002) quando afirma, tal como Moreno (1974), que o psicodrama herdou (no período compreendido entre 1918 e 1923) quatro regras básicas do Teatro de Improvisação:

“1. A produção total de uma sessão, os acontecimentos, a ação e os diálogos, tanto no grupo como na cena, são considerados como fio diretor da continuação e da análise do tratamento. A produção no presente é a única instância decisiva. Todo o passado se exprime de alguma forma na produção atual. Todos os estímulos e as fontes de auxílio para um drama espontâneo se encontram, natural, e, por assim dizer, inevitavelmente no presente, já que se trata de uma criação imediata. Não se dispõe nem de um manuscrito de uma peça concebida por um autor nem de uma história de um doente. Todo o processo é necessariamente experimental e pioneiro para o desenvolvimento de uma terapia profunda, ativa e atuante; 2. A produção é orientada para o presente (*sub specie praesentis*) e não para passado; 3. A regra de livre-associação é substituída pela regra de “livre-atuação”, em que está contida inclusive a associação de palavras; 4. O divã bidimensional da psicanálise é substituído por um espaço tridimensional” (MORENO, 1974, pp. 121-122)

SOCIODRAMA

O Sociodrama fundamenta-se no Psicodrama, mas relatando, digo, trabalhando questões das relações em grupo. Pode ser aplicado na área organizacional, educacional, grupos de trabalhos, terapia de casais, vem sendo muito usual em comunidades e em conselhos sociais. Moreno, no início do século passado, revelava já uma forte preocupação com os avanços tecnológicos e consequente a “robotização” do homem, perda da espontaneidade e criatividade, temendo que estas ficassem à margem, significando apenas uma expressão subjetiva de um pequeno grupo de intelectuais românticos que não mais pudessem atingir ou educar a sociedade. Pode observar-se em toda a sua obra uma persistente preocupação com o social, com os meios de comunicação, com a saúde mental pública. Como podemos observar, as suas primeiras intervenções / preocupações relacionaram-se diretamente com as crianças, os excluídos, as prostitutas e os refugiados de guerra, abrindo as portas para a psicoterapia de grupo e o questionamento sobre valores (MORENO, 1984).

Também criado por Jacob Levy Moreno, na década de 30, explora a criatividade e espontaneidade através da representação dramática de casos “mal resolvidos” que afetam o desempenho e bom andamento da coletividade, lembrando sempre que o grupo se faz a partir das manifestações individuais e das influências sentidas entre seus componentes. Segundo Nery, Costa e Conceição (2006) “o Sociodrama facilita o conhecimento das dinâmicas dos grupos, expressão e integração de sentimentos, permite ter novas percepções, aprofunda o auto conhecimento, treina a empatia, a espontaneidade e a criatividade”.

Os grupos sempre foram agentes de mudanças, e pela dimensão coletiva, merecem destaque e ainda havendo a possibilidade de desencadeamentos de vínculos patológicos. Sempre se fala que um grupo é mais forte que quando se está só, “um mais um é sempre mais que dois”, o homem tem a necessidade de interagir com os seus desde o nascimento, passando por vários agrupamentos, intencionais ou não, durante a sua vida, podendo se deparar com conflitos de natureza interna ao grupo e ainda com outros grupos. Há conflitos que envolvem fatores coletivos, como inaptações a novas situações, mudanças inesperadas, entre outras, que têm que ser compreendidas e orientadas por meios diferentes, o sujeito da ação, o protagonista é o próprio grupo, que na vivência dramática deverá expor o que lhe faz sofrer e como sente as intervenções e influências de outros. Ocorre da mesma forma que no Psicodrama. Tem o diretor condutor da ação, os auxiliares, o grupo protagonista, a plateia e o espaço específico. Há o momento de aquecimento, que é a preparação através de diversos recursos de expressão corporal verbal ou não verbal, preparando o grupo para as situações que podem advir, seguido da dramatização, que é quando a situação/problema emerge e os seus participantes expõem suas emoções, liberando as tensões num momento de intensa energia ao mesmo tempo de alívio, mostrando suas verdadeiras características numa situação de reconhecimento de limitação pessoal. Logo após acontece o grande momento terapêutico, que é o compartilhamento e a reflexão sobre o que foi demonstrado que merece análise e/ou intervenção. É um método complexo e simples ao mesmo tempo, envolve catarse e o consequente alívio e há uma liberação de energias e esforço muito grande. Tratar relações sociais não é fácil, é necessário um grande desprendimento e espontaneidade, não se participa de psicodrama, nem de sociodrama sob coação, daí a beleza do espetáculo, que busca aplicar os pressupostos de Moreno, no que diz respeito a desempenho de papéis, a influência do grupo no indivíduo, ao aspecto consciente do tratamento em questão e ainda da abertura e permissão para a intervenção terapêutica.

AXIODRAMA

“O Axiodrama - é uma síntese de psicodrama e da ciência de valores (axiologia); dramatiza as aspirações morais do psiquismo individual e coletivo (justiça, verdade, beleza, bondade, complexos, perfeição, eternidade, paz, etc.)” (MORENO, 1974, p. 114).

Tal como refere o próprio Moreno, o percurso trilhado até ao Psicodrama foi sustentado por duas etapas de grande significado, as quais decorreram não pela ordem que lhe atribuem vários autores contemporâneos. Ou seja,

“O «conteúdo» original do Psicodrama é axiológico. Ao contrário das afirmações encontradas em livros atuais, comecei o psicodrama de cima para baixo. Primeiro foi o Axiograma (1918), em segundo lugar veio o Sociodrama (1921); o psicodrama e suas aplicações [...] foi o último estágio de desenvolvimento (MORENO, 1992, p. 33).

Em termos de objetivos gerais, o Axiograma⁶ prevê alargar e viver a escolha dos valores, promovendo um inevitável passo que pressupõe a partida de uma base teórica para a prática, ou seja, do plano do discurso para o plano da ação.

“O que abarca um sentido pleno: A necessidade de uma sociedade e a sua luta por uma vida digna, um valor supremo, onde a alegria, a espontaneidade e criatividade possam ser a mola propulsora do desenvolvimento. Moreno sempre procurou compreender e desenvolver uma teoria cuja metodologia corroborasse e elevasse os seres do papel de Criatura para o papel de Criador. Seus primeiros feitos invocavam o *diálogo sobre o valor*” (CAMPOS et al, 2010, p. 3).

Segundo Aguiar (Psicodramatista brasileiro, pioneiro no trabalho com Teatro Espontâneo no Brasil) o Axiograma reporta-se à discussão cênica de um determinado tema ou situação:

“A dramatização de um tema ou de uma situação é o recurso principal no trabalho axiogramático. Nela se empregam todas as técnicas habituais dos outros atos socionômicos. A encenação de conflitos axiológicos manifestos explicita o confronto de valores e desvalores” (AGUIAR, 1998, apud MEZHER, 2002, p. 120).

As etapas de desenvolvimento que constituem o Axiograma no contexto social são as seguintes e por ordem sequencial em termos práticos: 1) Aquecimento⁷; 2) Dramatização⁸; 3) Compartilhar⁹; 4) Processamento¹⁰.

⁶ Axiograma etimologicamente significa Axio=Valor e Drama=Ação. Termo, cunhado por Moreno, derivado da palavra Axiologia, ramo da filosofia que estuda os valores e suas escolhas.

⁷ É a preparação para sessão. Consiste no conjunto de procedimento que atuam para estabelecer os canais de comunicação e maior aproximação entre o diretor e o protagonista. O aquecimento é o agente canalizador das energias para a ação. Possui duas sub etapas: a) Inespecífico – Inicia a sessão. O terreno. O primeiro momento do encontro. Seu objetivo é diminuir a tensão, propiciar um ambiente de acolhimento; Específico – Começa no momento da construção da cena. Aquecimento do personagem.

⁸ Todo o processo da atuação o “como se”. A Realidade Suplementar. Utilização das Técnicas em concordância com a matriz do indivíduo ou do grupo.

⁹ É o compartilhar, espaço de trocas do protagonista, da plateia e da direção. Ressonâncias, consonâncias do protagonista e da plateia. Interação dinâmica do corpo com os pensamentos e emoções.

¹⁰ Análise do processo. O diretor encaminha o grupo ou o indivíduo para a reflexão cognitiva sobre os procedimentos e o prosseguimento para as aquisições de novos papéis. Momento pedagógico. É importante ouvir opiniões dos elementos que atuaram na cena, as opiniões dos que assistiram e fazer uma reflexão sobre a ação e incrementar os encaminhamentos necessários para as ações posteriores.

Moreno valorizava imensamente a questão da ludicidade, da alegria e da brincadeira em todo o processo psicodramático:

“Moreno acreditava na força da alegria e da brincadeira. Confiava que o clima lúdico e o riso geravam condições para promover à saúde mental, ampliando o estado espontâneo-criador, a *Centelha Divina*, a energia liberadora de Deus que atua na vida de todos nós. A criança seria o mais próximo exemplo da *Centelha Divina*, da espontaneidade e da criatividade, pois não se encontra corrompida, automatizadas por comportamentos estereotipados de valores prescritos pela sociedade: *As Conservas Culturais*. Sua proposta de *Cura* se dá por meio da *Revolução Criadora*, que despertaria o *Gênio Criador*, de cada um” (CAMPOS, 2010, p. 10).

Para vários autores é notória a ideia de valorização da imaginação, o lúdico, o riso, o humor, o amor e a alegria na ação de Moreno. Ele acreditava que o renascimento de novos papéis levaria à amplitude, à dinâmica do coração, à força do fator tele (a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas sem distorção) nas relações afetivas e sociais (RAMALHO, 2010).

Em suma, “qualquer criação que conheça a eternidade, depois de longa jornada de retorno, na dimensão do tempo. Ela está e sempre esteve brincando no mundo, na alegria da Criança escondida em cada um de nós” (RAMALHO et al, 2010, p. 120).

TEATRO ESPONTÂNEO

“Tudo é improvisado: a peça, a ação, o motivo, as palavras, o encontro e a resolução de conflitos” (MORENO, 1973. p. 9).

Moreno traz à tona todo o potencial criativo e espontâneo do indivíduo nessa técnica. No Teatro Espontâneo não há texto definido, não há temática prevista, não há divisão entre atores e plateia, o drama é inicialmente particular, passa para o coletivo, e ainda as cenas podem interagir com os personagens circulando de uma para outra. Moreno não se preocupou, em nenhuma das técnicas, em buscar quem melhor representasse os dramas da vida, o seu objetivo era com o potencial espontâneo, criativo e o seu valor terapêutico para os participantes. “A intenção do Teatro Espontâneo é que a catarse ocorra simultaneamente para o autor, diretor, ator e espectador. A verdade campeada não pertence ao passado, nem precisa garantir-se pela universalidade. Pode ser algo que esteja mais perto do trivial das pessoas que participam de uma sessão específica” (AGUIAR, 1990b, apud SIEWERT, 2009).

No Teatro Espontâneo se improvisa desde os acontecimentos do dia-a-dia até as causas mais subjacentes que podem estar interferindo na condução da vida dos participantes da cena, pois eles podem estar vivenciando momentos de sua vida sem que tenham consciência da dimensão e origem dos seus conflitos, que ao reconhecê-los cria-se possibilidades de lidar via intervenção do grupo aliada a reflexão final do diretor/terapeuta. A comunicação é fluida, corporal, verbal, espontânea e são colocados a disposição recursos para a cena, como vestimentas, acessórios, maquiagens, máscaras e outros. Segundo Marineau (1992) “Moreno pretendia que a ação dramática terapêutica levasse a algo mais do que a mera repetição de papéis (...) permite percepções profundas por parte do protagonista e do grupo, a respeito do significado dos papéis assumidos”. O grupo que participa da sessão de teatro espontâneo passa também por três momentos: o aquecimento, normalmente um momento introspectivo, de encontro consigo e com o outro pertencente ao ambiente, a encenação, quando os papéis vão se encontrando e se percebendo e se completando e, o compartilhar, o grande final de reconhecimento pessoal e coletivo. Na encenação, não há julgamento de valor e de melhores histórias, as possibilidades de personagens e de comportamentos são infinitas chegando a ser, surpreendentes, a emoção fala mais alto e podemos vir a presenciar também catarses. Esse método, na minha concepção, é o menos usual nas organizações, mais usual em terapias de grupo, em comunidades e em outros ambientes menos formais, isso não lhe tira o caráter de eficiência, mas devido seus personagens passarem por momentos indescritíveis e involuntários, o privado dá lugar ao coletivo e a condução das suas ações terem que ser muito bem feita e legítima, o ambiente organizacional ainda não está muito preparado. Quando tudo isto acontece e a comunidade acaba por se envolver na sua plenitude, podemos recorrer à definição avançada pelo próprio Moreno que designa este tipo de evento / acontecimento de METATEATRO. Ou seja,

“toda a comunidade está presente no teatro da espontaneidade. É o teatro da comunidade. Trata-se de um novo tipo de instituição, instituição que celebra a criatividade. Esse é o lugar onde a própria vida é testada, o forte e o fraco, pela força teatral. É o lugar da verdade sem poder (...) É o teatro de todos, o lusco-fusco do ser e da realidade (...); não é o teatro do homem; é o teatro de todos por todos. No teatro todos os homens são mobilizados e se deslocam no estado de consciência para o estado de espontaneidade, do mundo dos efeitos reais, dos pensamentos e sentimentos reais, para o mundo de fantasia que inclui a realidade potencial (MORENO, 1973, pp. 45-46).

As experiências psicossociais criadas por Moreno retratam o quanto é infinita a capacidade de criação e manifestação de relatos, comportamentos e emoções dos indivíduos,

mas também demonstra o quanto as imposições sociais podem agir. A realização de Teatro Espontâneo em sala de aula vêm ao encontro da experimentação da técnica como ferramenta de aprendizagem e como forma de apreensão de conhecimentos da realidade dos nossos estudantes, futuros administradores, normalmente, pessoas jovens, com pouca maturidade, mas ansiosos por desenvolverem bons trabalhos e que reconhecem a necessidade de autopercepção para melhor conviverem com grupos, podendo servir como forma de reflexão para minimizar conflitos, expectativas, falsas impressões e preconceitos tão existentes em nossa sociedade, que grita por respeito as diferenças, reconhecimento pessoal e atenção.

A PRÁTICA DO TEATRO ESPONTÂNEO

“A beleza do espetáculo resulta da criatividade coletiva” (DRUMMOND & SOUZA, 2008, p. 66).

Baseado no que foi exposto na etapa anterior desse artigo, conhecendo alguns desses conceitos e procurando aplicá-los na prática, vem sendo realizado, semestre a semestre, o que já conta com dois anos, sessões de Teatro Espontâneo com estudantes do curso de Administração e do curso Enfermagem (separadamente). Será descrito nesse momento uma sessão ocorrida com os estudantes de Administração, a escolha dessa sessão específica deu-se pela originalidade da iniciativa (foi a primeira vez no curso), pelo impacto causado e pelos resultados percebidos. Foi uma prática vivencial orientada por uma psicodramatista (em formação) e uma auxiliar, ambas pertencentes do quadro docente da Universidade.

O Teatro Espontâneo foi realizado pela primeira vez na Universidade Estadual Vale do Acaraú com o objetivo de prática pedagógica e comportamental no dia 22 de março de 2012, com duração de aproximadamente duas horas, no laboratório de informática do curso de Administração, sob a condução de uma professora do curso de enfermagem, já em estágio avançado na formação de psicodramatista e como auxiliar da sessão, a professora da disciplina de Psicologia aplicada a Administração. Dessa sessão participaram doze alunos do 3º semestre do curso de Administração, sendo o critério de escolha para participar do grupo o interesse e disponibilidade manifestados durante aulas anteriores.

A metodologia vivencial desenvolveu-se em três momentos: aquecimento (inespecífico e específico), dramatização e compartilhamento. A Diretora iniciou a sessão ressaltando o conceito de Teatro Espontâneo (ampliação da perspectiva teatral articulando arte e ciência e

conferindo ao teatro o seu valor terapêutico grupal e intimista ao mesmo tempo). A seguir os alunos se apresentaram. Iniciaram com o aquecimento inespecífico, se alongavam ao ritmo de um fundo musical instrumental; os alongamentos seguiram os limites do corpo e permitiram uma sensação de equilíbrio, paz e tranquilidade. Prosseguiram utilizando jogos de pesquisa de ritmo e de espaço. Depois começaram a se movimentar destinando-se ao comando do cérebro sendo que a cada sinal aceleravam ou regrediam o ritmo, complementando com uma caminhada lenta e livremente onde cada um seguia o outro colega no olhar. Este exercício pôs em prática uma das técnicas do Psicodrama: “Minimizar as palavras e maximizar as ações e os resultados”. Continuando a praticar essa técnica, os alunos foram divididos em duplas e tinham a missão de compreender e descobrir as emoções que o/a companheiro (a) estavam sentindo através de um simples olhar. Depois de transmitidas as emoções voltaram a caminhar formando novas duplas para desencadeamento de um novo exercício - serem guiados pelo (a) próprio (a) companheiro (a); este exercício começou com duplas, seguindo com trios, quartetos e finalmente em um grande e único grupo.

Continuou-se o aquecimento com um jogo de imaginação (piso mágico), em que os alunos vivenciaram uma caminhada imaginária de acordo com o que era sugerido. Ainda trabalhando com a imaginação sentaram-se ao chão, fecharam os olhos e escutaram uma outra história, era um momento de visualização. Já estávamos num segundo momento do aquecimento, agora o específico, direcionado à construção de personagens, com a escuta de uma história, cujo enredo descrevia uma viagem a uma civilização rica e avançada. Na história, alguns jovens partiram para uma grande jornada, tendo em sua despedida um encontro com 3 sábios experientes. Cada jovem recebia 3 presentes: humildade, competência e coragem. Esses três elementos foram representados, respetivamente, por pequenas caixas contendo flores, uma lupa e um sol. Foi um momento de relaxamento físico e de atenção concentrada na história. Ao seu término, foi solicitado ao grupo que cada um escolhesse uma das caixas, iniciando-se ali a composição dos personagens. Os alunos dividiram suas escolhas entre as flores da humildade e o sol da coragem. Nenhum optou pela lupa da competência. Concluída as escolhas, os alunos receberam a tarefa de elaborar um Teatro Espontâneo utilizando personagens que foram lembrados e/ou formatados a partir da visualização e da ação ou influência da história, naquele momento, na vida dos participantes. Foram disponibilizados diversos adereços cênicos para caracterizar os personagens que os estudantes gostariam de representar. Foram encenadas três histórias, sendo que um grupo poderia interferir na cena do outro. As histórias encenadas e

depois confirmadas a sua motivação, eram de cunho bem pessoal, movidas por questões familiares, valores, medos, conflitos internos, dificuldade de relacionamentos, excessos de responsabilidade, dentre outros. Encerrando a experiência, sentaram-se formando um círculo e começaram o compartilhamento ao relatar momentos importantes, desde a escolha da grandeza, do personagem, da cena apresentada e, finalmente, como foi a experiência vivenciada. O Teatro Espontâneo mostrou suas potencialidades como uma ferramenta de criatividade com vasta aplicabilidade. Um instrumento de aprendizagem para os estudantes do curso de Administração, onde o privado deu lugar ao coletivo e as intervenções psicossociais foram sugeridas e acatadas. Mesmo já tendo utilizado outras dinâmicas com esse grupo, foi uma grata e feliz surpresa a aceitação dessa metodologia como forma de reflexão pessoal dos que lá se expuseram e, que ora buscavam o despertar para o desenvolvimento de suas competências e tornarem-se pessoas/profissionais melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi uma surpresa favorável a aceitação dessa metodologia como forma de reflexão pessoal e como forma de aprendizagem, em um momento tão ímpar. Foi percebido, a partir da construção dos personagens, a relevância que deve ser dada aos aspectos comportamentais e a história de vida de cada partícipe envolvido em processos individuais e de gestão, acreditando na perspectiva da construção de ambientes organizacionais mais justos e felizes. Os encontros começaram pelo envolvimento das pessoas com a própria experiência a ser vivenciada, àquela prática exaltou alguns conflitos que poderiam estar dificultando o bem-estar individual e a sua formação humana.

A construção dos personagens, a dramatização, e por fim, o compartilhamento das emoções vivenciadas e afloradas, levaram, até mesmo, a relatos de vida dos participantes, servindo de alerta para o aprofundamento de questões provocadas e que vão fazer parte da sua vida profissional em um futuro próximo, como o desenvolvimento de liderança, resolução de conflitos, empatia, sinergia, percepção e respeito às individualidades, entre outros. O Psicodrama, expandindo suas fronteiras de utilização, surpreendeu-nos favoravelmente com a demonstração do quão ilimitada é a nossa criatividade e o quanto da nossa personalidade está em desenvolvimento. É um método eficiente por apresentar um resultado imediato, e ainda promove o espaço de fala, escuta, de respeito e de desenvolvimento da percepção de si e do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. (Coord.) (1990a) *J. L. Moreno o Psicodramaturgo (1889-1989)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- AGUIAR, M. (1990b) *O Teatro Terapêutico - Escritos Psicodramáticos*. Campo Grande: Livraria Dourados Sebo
- AGUIAR, M. (1998). *Teatro Espontâneo e Psicodrama*. São Paulo. Ágora.
- BARRETO, M. F. M. (Org.) (2010). *Dinâmica de grupo - histórias, práticas e vivências* (4 ed.). Campinas-SP: Alínea.
- BERGAMINI, C. W. (2010). *Psicologia aplicada à administração de empresas – psicologia do comportamento organizacional* (4 ed.). São Paulo: Atlas.
- CAMPOS, M. G. C.; SARDA, S. C.; DIAS, M.; & CUNHA, L. E. (2010) *Axiograma: uma possibilidade de resignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade*. XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama e I Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo e Processos Grupais, em Águas de Lindóia, Brasil.
- CUKIER, R. (2002) *As palavras de Jacob Levy Moreno: Vocabulário de citações do Psicodrama, da Psicoterapia de Grupo, do Sociodrama e da Sociometria*. São Paulo. Summus Editorial.
- DRUMMOND, J., & SOUZA, A. C. (2008). *Sociodrama nas Organizações*. São Paulo: Ágora.
- MARINEAU, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: Ágora.
- MARRA, M. M., & FLEURY, H. J. (org.) (2008) *Grupos- intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático*. São Paulo: Ágora.
- MEZHER, A. (2002). *A Ética nos Grupos: Contribuição do Psicodrama*. São Paulo: Editora Ágora.
- MORENO, J. L. (1973) *O Teatro da Espontaneidade*. São Paulo: Editora Ágora.
- MORENO, J. L. (1974). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama* (Trad. Antonio C. Mazzaroto Cesarino Filho). São Paulo: Editora Mestre Jou.
- MORENO, J. L. (1984). *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Summus Editorial.
- MORENO, J. L. (1984). *Psicodrama* (Trad. Álvaro Cabral). São Paulo: Editora Cultrix.

- MORENO, J. L. (1992) *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama* (Trad. Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri). Goiânia: Dimensão Editora.
- NETO, A. N. (1997). *Psicodrama: Descolonizando o Imaginário*. São Paulo: Plexus Editora.
- NERY, M. P.; COSTA, L. F., & CONCEIÇÃO, M. I. *O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa*. Paidéia (Ribeirão Preto) vol.16 nº35 Ribeirão Preto Set./Dez. 2006. Acessado via Scielo Brasil
- RAMALHO, C. M. R. (Org.) et al (2010). *Psicodrama e Psicologia Analítica: Construindo Pontes*. São Paulo: Iglu.
- ROMAÑA, M. A. () *Pedagogia do Drama - 8 Perguntas e 3 Relatos*. Campo Grande. Casa do Psicólogo.
- ROMAÑA, M. A. (1998) *Cronicas e Conversas Psicodramáticas*. São Paulo: Editora Ágora.
- SANTOS, R. C. (2004) *A trajetória institucional e histórica da difusão do psicodrama pedagógico em campinas: relatos orais sobre motivações vivenciais, contradições institucionais e perspectivas educacionais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
- SIEWERT, C. S. (2009). *Moreno e o teatro da espontaneidade: o sagrado, a arte e o mito*. Artigo publicado a partir do Mestrado em Teatro. Universidade do Estado de Santa Catarina.